

## CAPÍTULO 14

# *Facebook Live* como plataforma de exibição de vídeos ao vivo usada por estudantes de Jornalismo

SANDRA NODARI

JORGE PEDRO SOUSA

### **Introdução<sup>1</sup>**

Até poucos anos atrás, somente emissoras de televisão profissionais ou grandes produtoras conseguiam realizar transmissões ao vivo de notícias devido à forma como a tecnologia permitia esse tipo de comunicação e, também, porque os custos eram realmente muito altos e os equipamentos complexos. Além disso, somente profissionais com experiência tinham condições de operar equipamentos, lidar com questões técnicas, comandar grandes equipes e apresentar um conteúdo com qualidade de informação. Essas questões podem ser observadas em manuais de produção de televisão e livros que tratam de televisão e telejornalismo de autores como Willians (2016), Watts (1990), Leal Junior (1970), Bonasio (2002), Brandão (2010), Lopes (2012), Santos (2016), e, também, em livros de introdução ao jornalismo como Rudin & Ibbotson (2008). Esses autores discutem e analisam processos, formatos, equipa-

---

1. Esta pesquisa foi primeiramente apresentada oralmente no *5th World Journalism Education Congress*, Congresso Mundial de Professores de Jornalismo, que aconteceu em Paris, em julho de 2019.

mentos, objetivos, entre outras especificidades do jornalismo televisivo no Brasil, na Europa ou na América do Norte.

Experimentar e praticar o jornalismo de televisão (que centralizou a prática do jornalismo audiovisual até o surgimento da internet) era possível aos poucos especialistas e profissionais que atuavam no setor. Estudantes de graduação dificilmente tinham acesso a uma redação televisiva até se formarem na universidade, com exceção dos que conseguiam estagiar em emissoras e produtoras ou dos que cursavam universidades as quais possuíam emissoras próprias. O espaço de práticas era dedicado às atividades laboratoriais. Porém, com o surgimento dos equipamentos realmente portáteis, leves e móveis de transmissão de vídeo, e principalmente dos *smartphones*, com acesso à internet, a situação mudou bastante.

Com o avanço do ambiente digital, as empresas jornalísticas adaptaram seus sistemas e criaram novos processos de produção e exibição de notícias. Muitas incorporaram rapidamente o uso dos *smartphones*, seja inicialmente para facilitar a apuração de notícias, ou como equipamento para captar imagens e sons. Com o avanço tecnológico, cada vez mais equipamentos foram desenvolvidos para o uso do cidadão comum e incorporados aos veículos de comunicação, como é o caso da TV Folha, que incentivava já em 2016 a utilização de celulares com microfones de lapela na produção audiovisual exibida na TV, no *Youtube* e no *Facebook*. João Wainer (2016), no curso do Knight Center sobre Jornalismo Audiovisual para internet, defendia o uso de *iPhones* pela TV Folha.

As universidades também têm utilizado tais equipamentos nos laboratórios de práticas jornalísticas. É possível pensar que algumas equipes de jornalismo universitário iniciaram as experiências com celulares antes mesmo de as emissoras profissionais o fazerem. No caso da Universidade Positivo, desde 2014, alunos e alunas do curso de jornalismo realizam atividades práticas com *smartphones*. A primeira experiência realizada com alunos de 3º ano, na disciplina de Telejornalismo 2, tinha como objetivo produzir uma reportagem audiovisual, inteiramente com celular, sem o uso de câmeras de vídeo. Depois de editadas,

as reportagens eram exibidas no telejornal laboratório diário produzido pelo curso e exibido no *YouTube*<sup>2</sup>.

Se os *smartphones* promoveram transformações do ponto de vista de produção, o *Facebook Live* quando surgiu (em agosto de 2015, inicialmente para usuários selecionados) transformou a forma como as transmissões de vídeo ao vivo são realizadas no mundo. Essa mudança foi incorporada em pouco tempo por veículos de comunicação, que já estavam habituados ao *Youtube*, por exemplo. Em 06 de abril de 2016, ficou disponível para todos os usuários. As empresas jornalísticas rapidamente começaram a testar o recurso por conta da facilidade de realizar transmissões ao vivo.

A ferramenta foi, também, incorporada pelos jovens, uma vez que o *Facebook*, segundo Patrício e Gonçalves, é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo por estudantes para se comunicar.

A internet em geral e as tecnologias Web 2.0 em particular fazem parte do dia-a-dia dos nossos alunos e, cada vez mais, os professores procuram acompanhá-los utilizando tecnologias e ferramentas Web em atividades de interação com os conteúdos e com os parceiros dos processos de aprendizagem (2010, p. 02).

Se professores em geral são estimulados a utilizar a *web* e o *Facebook* para ensinar e apoiar metodologias de ensino, no caso dos cursos de Jornalismo não há como deixar de incluir as novas tecnologias no conteúdo das disciplinas. Mais que uma necessidade, isso passou a ser uma obrigação entre as instituições de ensino preocupadas em apresentar aos estudantes as transformações do mercado de trabalho e do próprio jornalismo.

No caso brasileiro, em 2013, o Ministério da Educação, órgão que regula e fiscaliza os cursos de graduação, definiu novas regras obrigatórias para os programas de jornalismo, as chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. A definição se deu a partir do trabalho de uma equipe bastante qualificada de professores de Jornalismo que concluiu um relatório em 2009 apontando indi-

---

2. As reportagens produzidas com smartphones estão disponíveis no *YouTube*: <<https://www.youtube.com/watch?v=zTPzu7aUcSc>>.

cações de como melhorar a qualidade da formação dos futuros jornalistas. As universidades tiveram o prazo até 2016 para implementar as mudanças exigidas pelas novas regras em seus projetos pedagógicos.

Boa parte dessas regras trata de inserir o jovem estudante nas práticas recentes e nas plataformas disponíveis para o jornalismo como forma de melhorar o currículo dos cursos e preparar melhor o futuro profissional. Os cursos de Jornalismo das universidades brasileiras, que já se utilizavam da *Web* e do *Youtube*, passaram, então, a ver nas novas plataformas um facilitador na aplicação das novas tecnologias para seus veículos laboratoriais.

Paralelo a isso, o fortalecimento do consumo das mídias sociais (principalmente entre os jovens) levou para a sala de aula uma questão nova para os professores: o uso do celular em sala de aula. Como as mídias sociais passaram a fazer parte da rotina diária dos brasileiros, com mais de 127 milhões de usuários do *Facebook* (PNAD, 2018) em julho de 2018, não foi diferente nas salas de aula, que passaram a ter um elemento de distração para os estudantes, mas que podia servir, também, de mecanismo de consulta.

Embora o número de usuários ainda seja bastante considerável, os algoritmos do *Facebook*, a partir de 2018, deixaram de privilegiar conteúdo jornalístico, em detrimento de conteúdo de interação pessoal, o que fez com que a Folha de São Paulo, por exemplo, deixasse de publicar material específico para esta rede social (FOLHA, 2018). Porém, outros veículos continuam com conta ativa e fazendo uso dos *Feeds* e das *Lives*.

Essa discussão faz-se necessária porque é preciso analisar como as mudanças tecnológicas revolucionam as práticas jornalísticas e transformam o mercado de trabalho; também, como o ensino de jornalismo pode fazer melhor uso das plataformas gratuitas disponíveis para atualizar as habilidades dos estudantes.

## **Métodos e técnicas**

O estudo de caso foi a metodologia escolhida para proceder à análise porque, segundo Sousa (1997), é um método descritivo por explorar delimitadas unidades como comunidades e organizações, mas também singularidades individuais e eventuais. Considerado um tipo de análise

qualitativa (PÁDUA, 2004), em trabalhos acadêmicos, o estudo de caso pode complementar a recolha dos dados como tentativa de abarcar as características mais relevantes do tema. Bonoma (1985) afirma que se trata de um recurso pedagógico, o que faz sentido com a proposta deste artigo que trata de descrever uma atividade dentro de uma disciplina.

Esse estudo de caso segue quatro etapas: planejamento, coleta, análise e relatório. Em um primeiro momento, descreve como foi planejada a atividade laboratorial, depois coleta todas as *Lives* exibidas durante a atividade laboratorial, para em seguida, analisar os resultados da cobertura e depois gerar o relatório a partir de todo o processo.

Inicialmente, apresenta como foi realizada a cobertura de um evento factual: O Dia Internacional de Luta das Mulheres, por estudantes do terceiro ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, utilizando somente as *Lives* do *Facebook*. E depois analisa se essa cobertura deu conta do que se propunha, e em que acertou ou falhou.

A atividade prática laboratorial – a cobertura do 08 de março – foco do estudo de caso, partiu de orientações da Abraje, Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (que serão apresentadas na sequência), e da metodologia ativa chamada de Ensino por Projetos. Esse método permite que o aluno aprenda durante o processo de produção de um exercício, porque ele pode questionar, levantar dúvidas e pesquisar de forma autônoma, sendo orientado pelo professor nas diversas etapas do processo.

E, portanto, o papel do docente deixa de ser o de transmitir informações – que tem como centro a atuação do professor –, para criar situações de aprendizagens cujo foco se incide sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar mediações necessárias para que o aluno consiga encontrar sentido, significado naquilo que está aprendendo, a partir das relações criadas nessas situações. (SANTOS, 2017, p. 1458-1459)

Tanto as orientações da Abraje para uma cobertura usando *Facebook Live*, quanto o método de Ensino por Projetos foram apresentados e discutidos com os estudantes na aula de planejamento da cobertura do evento. O motivo da escolha do dia 08 de março será justificado no texto a seguir.

## Por que 08 de março?

O dia Internacional de Lutas das Mulheres tem sido marcado, na Universidade Positivo, como data de debates e coberturas das discussões e manifestações relativas à data. Inicialmente, em 2017, o curso de Jornalismo transformou as aulas de todas as turmas em uma grande mesa para discutir feminismo, violência contra a mulher e parto humanizado. Em 2018, o evento cresceu e teve a adesão dos cursos de Publicidade, Fotografia e Design (Moda, Projeto Visual e Produto), que participaram de palestras sobre o Movimento 8M, além de conhecer pesquisas de gênero realizadas por alunas e egressas. No ano seguinte, além dos cursos já participantes, Direito também contribuiu com o evento.

Em 2019, uma mesa redonda tratou de encarceramento feminino, feminicídio e formação política para mulheres. Uma segunda mesa trouxe alunas e egressas para apresentar pesquisas práticas e teóricas que tinham a mulher como foco. Além disso, foi criada a *hashtag* #mulheres-queocupam com chamada de fotos para o *Instagram*, e foi realizada uma ação de customização de camisetas com o nome do evento.

Estudantes de Jornalismo, do turno da manhã, realizaram a cobertura do evento interno, e os alunos e alunas da noite cobriram a marcha das mulheres pelas ruas do centro de Curitiba como parte de um exercício prático e avaliativo. Como já explicado anteriormente, foi utilizada na atividade a metodologia de ensino por projetos.

Para que o processo transcorresse de forma a realmente contribuir para a formação do aluno, foi preciso estabelecer um planejamento para a produção de *Lives* durante as palestras da manhã e a marcha da noite. A Aberje afirma que o *Live streaming* requer um planejamento a três tempos: “antes”, “durante” e “depois” do evento. A etapa chamada pela Aberje de “antes” serviu de base para a aula de planejamento e prevê as seguintes considerações:

- Divulgue com antecedência a transmissão nas redes sociais. O *Facebook* recomenda que isso seja feito um dia antes, tempo hábil para que as pessoas se programem e suficientemente próximo do evento para que as pessoas não esqueçam

- Verifique as condições de transmissão – qualidade do sinal de *wi-fi* ou de conexão por cabo, iluminação do local, situação dos ruídos do ambiente, condição de baterias de câmeras, computadores e *smartphones*
- Tenha back-ups: microfones direcionais, alguma iluminação ou espaço alternativo que não necessite de luz e aparelho com conexão 4G (nesse caso, tenha em mente que a transmissão de vídeo em 4G representa um consumo grande de bateria e de dados)
- Prepare conteúdos complementares ou contextuais e ações interativas com antecedência
- Defina como os usuários poderão compartilhar a transmissão com as suas redes (ABERJE, 2019).

A partir do método da Aberje, na reunião de planejamento, cada equipe ficou encarregada de escolher uma fonte para ser entrevistada, bem como de elaborar questões e atualizar uma tabela do *Google Drive* com informações sobre a participação ao vivo na página da Rede Teia<sup>3</sup>. As equipes foram instruídas a reler as orientações técnicas da Aberje antes das transmissões e a segui-las, focando principalmente nas questões de áudio, estabilizador de celular<sup>4</sup> e pacote de dados. A *hashtag* do evento deveria ser usada em todas as postagens, bem como a assinatura do repórter usando seu nome para finalizar a transmissão: Fulana para a Rede Teia.

As etapas do “durante” foram discutidas na mesma aula de planejamento, como forma de organizar a produção para que todas as medidas necessárias fossem realizadas com antecedência. Essa aula se deu uma semana antes do evento e os textos ficaram disponíveis para os alunos no portal acadêmico. Seguindo a Aberje, os alunos foram orientados a seguir os critérios:

---

3. A página da Rede Teia no *Facebook* foi criada em 2012, como laboratório de Jornalismo do curso de graduação. A maioria das publicações é baseada em vídeos contendo produções nas disciplinas audiovisuais, como Captação e Edição Audiovisual, Técnicas de Edição em Vídeo, Telejornalismo e Práticas Contemporâneas do Jornalismo Audiovisual.

4. Um estabilizador de celular (disponível para empréstimo pelo laboratório de TV da instituição).

- Tenha prontos textos de apresentação para publicar no início da transmissão. Uma boa descrição pode ser um convite que vá atrair muitos usuários para a sua transmissão
- Convide os usuários para usar os espaços de interação e compartilhar com as suas redes. E repita os convites em intervalos regulares durante a transmissão
- Cite os nomes dos usuários que perguntaram quando for dar uma resposta
- O tempo recomendado para transmissão do Live streaming em vídeo é bem maior do que o de um vídeo normal. Enquanto um vídeo gravado é oferecido em tempo muito reduzido, 2 a 3 minutos, o Live streaming necessita de mais tempo para que as pessoas possam se engajar, tomar seus lugares. O *Facebook* recomenda transmissões de 10 a 90 minutos. Tente começar com um tempo já definido. Isso não impede que o vídeo possa se prolongar mais do que o planejado, mas vai evitar os vazios na transmissão que possam afastar os espectadores
- Se houver espaço para interação, destaque alguém para fazer a gestão das conversações e divulgação de conteúdos
- Faça um fechamento informando se a gravação estará disponível e onde (ABERJE, 2019).

Dentre essas recomendações, a questão do tempo foi discutida em sala e a equipe concluiu que transmissões muito longas não fariam sentido naquela cobertura, cuja proposta era dar voz às mulheres convidadas para o evento produzido pela manhã e às organizadoras da marcha que ocorreu durante a noite. A duração de cada vídeo foi definida como livre, cada aluno tinha poder de decisão sobre quanto deveria durar a entrevista ou a transmissão de acordo com a relevância do conteúdo.

A etapa “Depois” foi realizada na aula seguinte à cobertura do evento (como as aulas são semanais, a prática inteira durou três semanas). A avaliação, segundo a Aberje, deveria ser realizada por meio de um relatório sobre a transmissão para avaliar o comportamento da audiência e apresentar aspectos positivos e negativos da transmissão. O relatório foi compartilhado com todos os alunos e alunas.

Para além das questões técnicas, relevantes para a prática jornalista, a formação teórica dos estudantes é etapa fundamental das atividades laboratoriais. Para dar conta disso, uma importante questão nesse evento estava relacionada a conteúdo e a um conceito fundamental: o lugar de fala das mulheres. Por isso, a conceituação teórica da atividade abrangeu esse tema discutido a seguir.

### **O que é lugar de fala?**

O método indicado pela Aberje funcionou bem para discutir o uso da tecnologia e para organizar questões técnicas. O conteúdo, no entanto, foi decidido a partir da discussão de conceitos teóricos. Para além das questões de ética jornalística, valor notícia e representatividade das fontes, o conceito de lugar de fala (*feminist stand point*) foi apresentado aos alunos como parte das discussões teóricas.

Lugar de fala é um conceito bastante usado, principalmente por feministas, e que tem ganhado força em pesquisas acadêmicas. Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o Subalterno Falar?*, apresenta a teoria de que o sujeito cuja voz não pode ser ouvida é considerado o subalterno. A voz desse subalterno é intermediada pela de outro indivíduo que teria o papel de reivindicar algo por ele. A mulher subalterna teria uma situação mais difícil ainda que a do homem. “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

Autoras como Bell Hooks (1984), Linda Alcoff (1991-1992) e Patrícia Hill Collins (2000) discutem, também, qual é o lugar da mulher na sociedade do ponto de vista do discurso. Para Alcoff, falar pelo outro, mesmo que por outras mulheres, é ter uma postura arrogante, vaidosa, antiética e que pode ser um ato considerado politicamente ilegítimo. Por outro lado, ela afirma que principalmente intelectuais e pesquisadores acadêmicos podem ter boas intenções ao falar pelo outro, mas ainda assim: “Em particular, a prática de pessoas privilegiadas falando por ou em nome de pessoas menos favorecidas resultou (em muitos casos) em aumentar ou reforçar a opressão do grupo falado por” (ALCOFF, 1991-1992, p. 07).

Já Djamila Ribeiro questiona o fato de lugar de fala ser confundido com representatividade. Para ela, o conceito trata de localização social que dá a todos o direito de falar, mas respeitando uma postura ética e compreendendo a hierarquia social. Um homem branco pode teorizar sobre pessoas trans e travestis, mas de seu lugar, sem querer representar este grupo: “A travesti negra fala a partir de sua localização social assim como o homem branco cis” (RIBEIRO, 2017, p. 83-84). Dessa maneira, todas as pessoas possuem lugar de fala, mas cada uma de seu lugar social (RIBEIRO, 201, p. 86).

Essa conceituação teórica foi apresentada aos alunos em sala. Ao fim da aula, alguns estudantes sugeriram que somente as alunas do gênero feminino deveriam atuar como repórteres e apresentadoras na cobertura do 08 de março, reconhecendo nelas seu lugar de fala. A maioria da sala concordou com a proposta, mas algumas pessoas ficaram em dúvida sobre não permitir aos alunos do sexo masculino falar em frente ao vídeo. Não houve unanimidade na decisão.

### **Análise da cobertura do dia internacional de luta das mulheres**

Na manhã do dia 08 de março, os estudantes foram adicionados como editores da página da Rede Teia para que pudessem realizar as *Lives*. A primeira transmissão foi às 8h25 e a última às 20h45, totalizando 28 *Lives* durante o dia. No período da manhã, seis entrevistas foram transmitidas, além de duas *Lives* com trechos de palestras, um boletim com informações e duas postagens de fotos. Na primeira *Live* sobre a relevância do evento, a entrevistadora usou o microfone do celular e o áudio ficou ruim, como se estivesse sem microfone.

A segunda *Live* foi um trecho da palestra com a criadora do grupo Política De Por e Para Mulheres sobre a falta de participação feminina nos cargos eletivos no Brasil. O áudio ficou razoável. A terceira *Live* foi um boletim chamando o público para o evento e para participar pelas redes sociais, enviando fotos e usando a *hashtag* #mulheresqueocupam. A quarta foi um trecho da palestra sobre feminicídio; o enquadramento ficou razoável e o áudio adequado. A quinta, uma entrevista sobre o mesmo tema, na qual o celular foi usado na vertical e sem microfone (o som ficou quase inaudível).

A sexta, uma entrevista sobre encarceramento, que também teve problemas de áudio. A sétima publicação foi uma entrevista sobre formação de mulheres para política que, por problemas na rede *wi-fi*, foi primeiro gravada e depois postada. A partir da oitava, o áudio ficou melhor, a entrevista com uma jornalista recém-formada que trabalhou com a questão da mulher na imprensa ficou com boa qualidade. Da mesma forma que a nona, também uma entrevista com duas estudantes que trataram de um tema ligado ao universo feminino.

No período da tarde, foram realizadas 11 *Lives*, iniciando às 13h22 com a concentração para a Marcha 8M. A primeira entrevista tratou de uma competição de poesias de autoria feminina chamada de “Slam das minas”, uma espécie de batalha em que mulheres recitam poemas em busca de seu lugar de fala. O celular estava bloqueado para rotação e a imagem foi transmitida no sentido vertical, problema corrigido na segunda *Live*, uma entrevista com a vencedora da competição.



FIGURA 1: Entrevista com celular bloqueado para rotação.  
FOTO: reprodução do *Facebook*.

A terceira *Live* foi uma entrevista sobre imigração de mulheres e a quarta foi com uma imigrante venezuelana refugiada. A quinta foi um boletim com informações sobre números de mulheres assassinadas no Brasil e uma chamada para a customização de camisetas. Todas com qualidade técnica boa. Já na sexta, o microfone não funcionou bem e as falas ficaram truncadas durante a entrevista com uma das organizadoras da marcha sobre a confecção de cartazes com frases que fazem parte das reivindicações das mulheres.

A sétima *Live* foi uma entrevista com a professora que organizou a customização de camisetas, a oitava trouxe a programação da marcha, indicando o caminho a ser percorrido pela manifestação, e a nona também foi um boletim, convidando o público, novamente, a enviar fotos para as páginas da Rede Teia, usando as *hashtags* do evento. Todas, transmissões sem problemas.

Já a décima, dentro da Universidade Positivo, sobre uma exposição de fotos de mulheres que vivem em comunidades quilombolas, trouxe a entrevista de uma das personagens fotografadas. A décima primeira trouxe uma estudante dizendo o que achava de receber flores como presente no dia da mulher. Como essa *Live* foi interna, no mesmo local da exposição fotográfica, havia a dificuldade de iluminação e a entrevistada ficou com pouca luz e com muita sombra.

No período da noite, a cobertura focou na Marcha 8M percorrendo as ruas da cidade de Curitiba e oito entrevistas foram realizadas, além de um boletim de encerramento do evento e da publicação de uma reportagem de texto sobre os eventos que ocorreram pela manhã. A primeira entrevista foi exibida às 18h35, com uma representante da marcha tratando de desigualdade no mercado de trabalho; como houve problema com a rede 3G, a entrevista foi gravada e, imediatamente depois, publicada. O microfone não funcionou, o áudio ficou bem baixo e cheio de ruídos dos próprios manifestantes.



FIGURA 2: Entrevista com representante Marcha 8M.  
FOTO: reprodução do *Facebook*.

Na segunda transmissão, embora o som dos manifestantes tenha ficado bastante alto, a fala da entrevistada, que tratava de assédio, ficou clara. A terceira foi uma entrevista sobre como a reforma da previdência brasileira afeta as mulheres. A quarta tratou da participação das mulheres negras na manifestação. A próxima *Live* foi uma entrevista sobre feminicídio, com a mesma entrevistada da *Live* anterior. A sexta tratou de violência contra as mulheres. A sétima mostrou o encerramento da marcha, numa concentração em uma praça de Curitiba.

As duas últimas publicações foram entrevistas, gravadas e depois publicadas. A primeira sobre a participação de crianças, acompanhando as mães, na marcha. A outra, a entrevista com uma participante discutindo quais os motivos que levam as mulheres a participar do evento.

### **Avaliação das *Lives* após a cobertura<sup>5</sup>**

Como foi possível perceber nas descrições, os problemas técnicos relacionados ao uso do microfone para captar áudio foram a maior dificuldade dos estudantes. Várias entrevistas captaram o som ambiente (ruidoso), porque o microfone não estava conectado adequadamente. As falhas na rede *wi-fi* ou no pacote de dados fez com que algumas entrevistas precisassem ser gravadas no formato ao vivo, para depois serem postadas. Sobre os cenários das entrevistas, nem todos buscaram locais que tivessem objetos informativos capturados no enquadramento, e a iluminação – tanto interna quanto externa – à noite foram problemas não contornados.

A assinatura dos repórteres foi outra questão levantada na avaliação porque nem todos lembraram de assinar os nomes ao final das *Lives*; houve até uma aluna que mandou beijo ao encerrar a transmissão. Com relação ao texto, lembrar de apresentar os entrevistados com nome, sobrenome e ocupação também foi uma dificuldade para alguns alunos e alunas. Entre os problemas de conteúdo, o texto legenda para acompanhar as *Lives* e as *hashtags*: #mulheresqueocupam e #semserobjeto foram esquecidos pela maioria. Quem não encontrou entrevistadas realizou boletins informativos; quem não planejou perguntas, ao improvisar, percebeu que não obteve as melhores respostas.

A análise com relação ao engajamento e visualizações das *Lives* partiu dos seguintes dados<sup>6</sup>: o vídeo mais visualizado foi a entrevista com a vencedora do concurso de *Slam* – foram 760 visualizações e 1220 pessoas alcançadas. O segundo foi a entrevista com a doutora em Direito: 286 visualizações e 592 alcançadas, seguido da publicação sobre violência contra a mulher que teve 285 visualizações e 726 pessoas alcançadas e da entrevista sobre feminicídio com a promotora do Tribunal do Júri, que obteve 259 visualizações, alcançando 509 pessoas.

---

5. Todos os estudantes envolvidos receberam um relatório com as descrições de todas as transmissões, bem como as análises das mesmas, após a discussão em sala sobre a cobertura.

6. Dados levantados em novembro de 2019.

## Considerações finais

Se, como visto no início deste artigo, até poucos anos atrás apenas as emissoras de TV ou grandes produtoras eram capazes de realizar transmissões ao vivo, porque o processo era muito caro, hoje os estudantes podem sair da faculdade tendo diversas experiências parecidas às dos profissionais. Os *smartphones*, aliados a oportunidades mediadas por professores que atuam como editores, são uma grande facilidade.

Ao ministrar as disciplinas audiovisuais, é possível pensar que o professor possui uma espécie de laboratório vivo, a partir dos veículos laboratoriais. Equipes de estudantes podem cobrir eventos factuais, publicar os materiais editados nos veículos on-line ao mesmo tempo que os profissionais o fazem, e ainda comparar suas reportagens às dos jornalistas que encontraram nas pautas. Essa facilidade de comparação e de relacionamento entre profissionais e estudantes que cobrem os mesmos assuntos é possível devido à tecnologia.

O uso do *Facebook* para publicação dos conteúdos, sem sombra de dúvida, facilita a prática do jornalismo ao vivo entre os alunos e alunas. Saber como agir quando está falando ao vivo, testar qual enquadramento funciona, escolher o cenário, prestar atenção ao áudio, foram as atividades que alunos e alunas tiveram de considerar e cuja decisão não adequada resultou numa transmissão com problemas técnicos. Os erros cometidos, discutidos em sala, certamente servirão de base para que as próximas transmissões tenham menos problemas.

Realizar a cobertura de um evento real, com personagens e situações cotidianas, certamente estimula os alunos a compreender como se dá a rotina dos jornalistas. Permite entender as dificuldades na produção da notícia, mas também os motiva a querer aprender. Habilidades como tomada de decisões, liderança, improviso, fizeram parte dessa atividade e servirão para que os estudantes busquem melhorar nas próximas transmissões que serão realizadas na universidade ou no mercado de trabalho.

É necessário considerar, também, que a metodologia de Ensino por Projetos, uma das metodologias ativas, propõe ao aluno sair da posição de agente passivo e passar a participar da produção do conhecimento. Em vez de agir como consumidor, passa a construir respostas para os

desafios do cotidiano. A metodologia tira o foco da aprendizagem do professor e a passa para o aluno que precisa levantar-se da cadeira da sala de aula e produzir seus trabalhos.

A universidade é espaço de testar novas tecnologias, formatos e buscar inovação para depois oferecer conhecimento ao mercado de trabalho e à sociedade. Estar atrelado às facilidades que a tecnologia oferece e permitir experiências livres dos formatos padronizados pelas rotinas de trabalho pode levar a soluções interessantes aos futuros jornalistas. Tão importante quanto conhecer os formatos padrão é estar apto a compreender os novos dispositivos e seus usos para produzir conhecimento de qualidade, aproveitando os facilitadores tecnológicos.

Além do aprendizado relacionado às práticas jornalísticas, o tema escolhido para cobertura também é transformador do ponto de vista de formação para a cidadania. Conhecer as teorias de gênero deveria ser item obrigatório nas grades dos cursos de jornalismo de todas as universidades porque é uma forma de perceber as desigualdades entre homens e mulheres, naturalizadas nas sociedades. Trazer esta discussão de forma séria, referenciada por autoras relevantes, é necessário para a formação do jornalista.

Depois de participar da discussão dos textos sobre Lugar de Fala, em sala de aula, os alunos podem começar a prestar atenção neste conceito e ao fato de que as mulheres e outros grupos excluídos têm menos voz na sociedade. Como afirma Linda Alcoff: a prática de pessoas privilegiadas falando por ou em nome de pessoas menos favorecidas reforça a opressão do grupo que fala. E os jornalistas representam o grupo que fala podendo escolher a quem dar voz.

## Referências

ABERJE. Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. *Vídeo em tempo real requer planejamento em três tempos*. 2019. Disponível em: <<http://www.aberje.com.br/blogs/post/video-em-tempo-real/>>

ALCOFF, L. *The problem of speaking for others*. Minnesota: University of Minnesota Press, Winter, 1991-1992.

BONÁSIO, V. *Televisão: manual de produção e direção*. Belo Horizonte: Leitura, 2005.

BRANDÃO, N. *As Notícias nos Telejornais*. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

COLLINS, P. H. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2000.

FOLHA, 2018. *Folha deixa de publicar conteúdo no Facebook*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>>

HOOKS, B. *From Margin to Center*. South End Press, Boston. 1984.

LEAL, L. *A Melhor TV do Mundo*. São Paulo. Summus, 1997.

LOPES, F. *Vinte Anos de Televisão Privada em Portugal*. Lisboa: Guerra e Paz, 2012.

PÁDUA, E. M. M. de. *Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico Prática*. Campinas: Papyrus, 2004.

PATRÍCIO, M. R; Gonçalves, V. Educational Use of Facebook in Higher Education. In: I Conference learning and teaching in higher education. *Anais...* Évora: Universidade de Évora, 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>

PNAD, 2018. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149)>

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RUDIN, R.; IBBOTSON, T. *Introdução ao Jornalismo*. São Paulo: Roca, 2008.

SANTOS, M. B. Royer M. R. Demizu F. S. *Metodologia de Ensino por Projetos*. 2017. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23884\\_11929.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23884_11929.pdf)>

SANTOS, N. M. W.; MORAES, A. L. C. *TVs Públicas: Memórias de Arquivos Audiovisuais*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

SOUSA, J. P. *Fotojornalismo Performativo: o Serviço de Fotonotícia da agência Lusa de Informação*. Master Theses, 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>>

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WATTS, H. *On Camera*. Summus, São Paulo, 1990.

WAINER, J. *Knight Center: Produção de Vídeos Jornalísticos para a internet*. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TI SDnsWpTH4&feature=youtu.be>>

WILLIAMS, R. *Televisão: Tecnologia e Forma Cultural*. São Paulo: Boitempo, 2016.